



## ***Kiss: As Tentativas de Superação dos Familiares das Vítimas da Tragédia de Santa Maria***<sup>1</sup>

Bruno BENADUCE<sup>2</sup>

Camille WEGNER<sup>3</sup>

Ingrid BRAVO<sup>4</sup>

Mauren FREITAS<sup>5</sup>

Daniela HINERASKY<sup>6</sup>

Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS

### **RESUMO**

O presente artigo aborda o trabalho elaborado para a disciplina de Projeto Experimental em Televisão, do curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, ministrada e orientada pela Profa. Dra. Daniela Aline Hineraksy, denominado de “*Kiss: As Tentativas de Superação dos Familiares das Vítimas da Tragédia de Santa Maria*”. O projeto tem como objetivo compreender de que forma os familiares das vítimas da tragédia da Boate Kiss estão tentando superar as perdas de seus filhos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iniciativas Voluntárias; Associativismo; A memória na TV; Reportagem Televisiva.

### **INTRODUÇÃO**

Localizada no centro do Rio Grande do Sul, aproximadamente a 300 km da capital, Porto Alegre, Santa Maria possui em torno de 260 mil habitantes e é conhecida também por ser uma cidade de transição, cidade universitária e militar, devido ao fato de que sua população é formada por estudantes de diversas regiões do Estado e do país, uma vez que concentra muitas instituições de ensino superior e abriga a primeira universidade federal do interior do país – a Universidade Federal de Santa Maria; por militares, tendo o segundo maior contingente militar brasileiro, formado por bases da

---

<sup>1</sup>Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção Laboratorial em Videojornalismo e Telejornalismo.

<sup>2</sup> Auno líder do grupo e Jornalista graduado na instituição em 2013/2, e-mail: bruno\_mello@msn.com.

<sup>3</sup> Jornalista graduada na instituição em 2013/2, e-mail: camillewegner@gmail.com.

<sup>4</sup> Jornalista graduada na instituição em 2013/2, e-mail: ingridlippmann@gmail.com.

<sup>5</sup> Jornalista graduada na instituição em 2013/2, e-mail: mauren.freitass@gmail.com.

<sup>6</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano, Mestra e Doutoranda em Comunicação, e-mail: hinerasky@unifra.br.



aeronáutica e do exército; por funcionários públicos e pessoas que colaboram com o comércio e as atividades agropecuárias, de uma maneira geral.

A cidade, de características interioranas e um fluxo constante de pessoas, foi fortemente impactada pela tragédia do dia 27 de janeiro de 2013. Nesta data, a Boate Kiss, situada no centro da cidade, sede de uma festa de um grupo de universitários, marcaria de forma irreversível a vida de todos.

A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) detêm a maioria da população estudantil da região (com aproximadamente 25 mil estudantes) e cumpria seu calendário letivo após um longo período de greve, realizado no segundo semestre de 2012. A festa do dia 27 reunia cinco cursos da instituição, entre eles: Tecnologia de Alimentos, Agronomia, Medicina Veterinária, Zootecnia, Técnico em Agronegócio e Pedagogia.

Por volta das 2h e 30min, do último sábado do mês de janeiro, teria começado o foco de incêndio no local. A banda “Gurizada Fandanguera” estava no palco iniciando seu show e, ao término de uma música, utilizou um sinalizador como objeto pirotécnico da apresentação.

A partir daí, muitos outros elementos são apontados pelo inquérito policial como determinantes do incidente: o uso do dispositivo de fogo, o revestimento acústico do interior da boate, a falta de saídas de emergência, a conduta de funcionários na evacuação do local, a ineficiência dos extintores de incêndio, a superlotação e ainda questões burocráticas, como alvarás da prefeitura e vistoria dos bombeiros.

Essas informações dão conta das possíveis causas da tragédia, mas não dos efeitos. O que se viu na cidade de Santa Maria e na mídia foi uma mobilização enorme diante do ocorrido, inúmeras emissoras de rádio, televisão e jornais impressos acompanharam o caso, também agências de notícias e TVs internacionais. Foram, inicialmente, 233 vítimas fatais, vítimas da fumaça tóxica produzida pela espuma do revestimento acústico que, em contato com o fogo, produziu o gás cianeto. O mesmo gás utilizado nas câmaras de gás de Hitler, durante a Segunda Guerra Mundial. Outras tantas foram internadas em estado grave, em hospitais da cidade, da região e da capital, Porto Alegre.

Muitas pessoas estão empenhadas em grupos de ajuda para as famílias e amigos das vítimas em Santa Maria. Existem, ainda, familiares das vítimas envolvidos com a filantropia na cidade, como uma forma de tentar diminuir a dor da perda de seus jovens. As políticas públicas do município, aos poucos, começam a ser eficientes, muitos locais públicos foram fechados e só reabertos com a autorização de



funcionamento depois de exigidas as devidas condições de segurança. O local permanece com cartazes, fotos e flores, com a possibilidade de tornar-se um memorial em homenagem às vítimas.

No primeiro momento, o Ministério Público denunciou oito pessoas diretamente envolvidas no incidente. Entre eles, o proprietário da boate, o sócio, o produtor da banda e o vocalista, o comandante regional dos bombeiros e um sargento, este último acusado de incluir documentos indevidamente.

O ex-sócio e o contador de uma das empresas da família também foram indiciados por falso testemunho. A associação dos familiares das vítimas organizou uma vigília no centro da cidade e mensalmente realiza atos pacíficos que lembrem as vítimas. Hoje, o local da Boate Kiss se transformou em uma espécie de “santuário” onde recebe visitas, flores, imagens das vítimas, e se apresenta como um espaço de luta/lembrança do ocorrido.

## **2 OBJETIVO**

A tragédia na Boate Kiss chocou pessoas envolvidas e habitantes de todo o mundo. Até agora, a cobertura jornalística – em nível local, estadual, nacional e internacional - focou-se nas causas do incêndio, do sofrimento de familiares e amigos das vítimas, e da busca por justiça e sobre os resultados dos trâmites legais. O presente trabalho busca trazer à tona um viés menos óbvio de seus desdobramentos, que ultrapasse o foco em vítimas, dor, perda e sofrimento, após os dez meses da tragédia. Nosso foco está nas histórias de tentativas de superação de familiares das vítimas do incêndio na Boate Kiss.

## **3 JUSTIFICATIVA**

O tema foi escolhido em conjunto pelo grupo devido à grande repercussão da tragédia na mídia, mas, principalmente, devido ao envolvimento direto dos acadêmicos com o acontecimento, pelo fato dos integrantes residirem na cidade de Santa Maria e terem acompanhado de perto todos os desdobramentos do caso. Porém, desde a escolha do tema, os integrantes achavam importante desenvolver um trabalho com um olhar singular sobre a tragédia em Santa Maria, não só o sofrimento e a tristeza que ela



causou, mas sim as formas que estas pessoas que estão envolvidas com o fato, estão encontrando para seguir a vida.

Com a realização deste projeto, o grupo pretende mostrar à sociedade histórias de vidas transformadoras que possam, de alguma forma, modificar um pouco o sentimento de tristeza que assola a cidade.

Diante da contextualização do cenário e do tema apresentado, o projeto visa questionar o que os familiares da tragédia estão fazendo para tentar minimizar a dor da perda.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS**

Uma das práticas mais utilizadas pelos jornalistas é a entrevista. É através dela que se obtém a informação sobre fatos importantes da sociedade. Esta técnica é comumente usada em projetos de pesquisa, como forma de metodologia. A entrevista oral, utilizada neste projeto, é defendida por muitos autores como um meio eficaz por trazer à tona o real objeto da pesquisa. Rosiska e Miguel vêm este tipo de entrevista como uma forma livre de obter dados:

A técnica de entrevista livre, concebida como um diálogo aberto onde se estimula a livre expressão da pessoa com que se conversa, amplia o campo do discurso que passa a incluir não só fatos e opiniões bem delimitadas, mas também devaneios, projetos, impressões, reticências, etc. Sem dúvida, a entrevista livre, para não partir em todas as direções, deve ter um fio condutor, uma estrutura de base ligada ao núcleo temático a ser pesquisado. Porém dentro deste campo temático, tudo é pertinente, nada é desprezível. Muitas vezes, não unicamente aquilo que é dito explicitamente que é significativo. A maneira de dizer, as inflexões, as hesitações, as pausas e os silêncios dizem muita coisa. Frequentemente é nessas dobras do discurso que se esconde a ambigüidade e a contradição entre o pensar e o agir que importa captar e desvelar. Os fragmentos do discurso, o ‘não dito’ e o ‘mal dito’ – por medo, por pudor, por desconfiança ou porque dizê-lo seria doloroso demais – são tão importantes quanto às respostas superficiais (1999, p. 29-30).

Por ter um amplo aspecto de seleção, a técnica da entrevista oral busca uma melhor compreensão dos fatos. Para que esta seleção se complemente ainda mais, esta técnica permite a união de vários entrevistados, possibilitando o compartilhamento da memória de cada um. Esta característica chama-se memória coletiva:

Memória coletiva vem se convertendo cada vez mais em objeto de estudo: ela tem sido entendida, em todas as suas formas e dimensões, como uma dimensão da história com uma história própria que pode ser estudada e explorada (AMADO E FERREIRA, 1998, p. 33).



Através do uso da entrevista, o projeto experimental também contempla a história oral utilizada como forma de buscar mais vivências dos entrevistados e assim, conseguir entender um pouco mais das histórias de superação dos citados objetos de estudo.

Recuperar a memória é um fator importante para utilizar a história oral<sup>7</sup>. Essa prática é geralmente usada por historiadores. Amado e Ferreira (1998) entendem que a história oral é muito mais que um processo metodológico:

Diria que é apenas um espaço de contato e influência interdisciplinares; sociais, em escalas e níveis locais e regionais; com ênfase nos fenômenos e eventos que permitam, através da oralidade, oferecer interpretações qualitativas de processos histórico-sociais. Para isso, conta com métodos e técnicas precisas, em que a constituição de fontes e arquivos orais desempenha um papel importante. Dessa forma, a história oral, ao se interessar pela oralidade, procura destacar e centrar sua análise na visão e versão que emanam do interior e do mais profundo da experiência dos atores sociais (AMADO E FERREIRA, 1998, p. 35).

A entrevista proporciona a volta ao passado através de lembranças. Assim, mesmo que ela não represente algo novo, que gere alguma mudança, há um fator transformador na história oral:

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar, tanto o conteúdo quanto à finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – podem desenvolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p. 22).

A entrevista bem elaborada, que ressalta a memória, com paciência, tranquilidade e partindo de um bom aparato bibliográfico, tem grandes chances de levar o entrevistador a um trabalho bem sucedido. Algumas habilidades são essenciais para que o entrevistador possa chegar a um objetivo. O interesse e o respeito pelos

---

<sup>7</sup> A história oral surgiu no começo do século passado nos Estados Unidos, mas ainda é uma técnica nova para muitos pesquisadores. Eles acreditam que a técnica, utilizada sem provas documentais, não servirá como registro histórico. Isso se deve muito ao fato que, até a década de 50, a história oral foi utilizada especialmente por sociólogos e antropólogos que não se detinham em buscar documentos palpáveis. Sendo assim, a principal desvantagem da história oral, é a falta de confiabilidade, por se tratar apenas de uma versão dos acontecimentos. Cada entrevistado conta a sua versão, da sua maneira, podendo assim, distorcer as informações.



entrevistados, a flexibilidade nas reações em relação a eles, além de demonstrar compreensão pelo relato contado, são exemplos.

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

A primeira etapa do Projeto contemplou a definição do produto de TV a ser ofertado e do tema. Uma das integrantes da equipe trouxe a temática central, que levou a uma discussão inicial entre todos do grupo, alguns dos quais levantaram algumas resistências e receios de lidar com uma temática tão triste, recente e próxima dos integrantes. Ficou decidido, mesmo assim, que o grupo iria encarar o desafio e produzir um produto com o intuito de deixar um documento atemporal sobre a tragédia para a posteridade, porém com um viés mais ‘positivo’.

Uma vez feita a delimitação da abordagem do projeto, o grupo foi em busca de aporte teórico que sustentasse e contemplasse a abordagem escolhida. Por ser um tema delicado, diferente do cotidiano acadêmico e, muito particular, implicou em uma dúvida inicial para os integrantes junto com a professora orientadora: definir os eixos teóricos-chefe, ou seja, autores que se encaixariam e embasariam o trabalho proposto.

Nos encontros seguintes, após a delimitação do tema e a decisão do aporte teórico que sustentaria o projeto, o grupo foi em busca dos personagens que poderiam ilustrar as reportagens. Procuramos evidenciar uma vertente, que procura não tocar nas feridas que o incêndio deixou nos familiares das vítimas, mesmo sendo, em alguns momentos, inevitável.

De caráter experimental, o trabalho se constituiu num desafio pela densidade do tema. Os acadêmicos encontraram muita dificuldade, principalmente, na hora das entrevistas, no que diz respeito à forma de abordagem e de introdução do assunto a estas pessoas, que passaram por um estresse psicológico grande há pouco tempo.

A elaboração das perguntas para os entrevistados, a estruturação de um roteiro de gravação e a confirmação das entrevistas com as quatro fontes – os *cases* – foi necessária. Um membro da equipe ficou responsável pelo contato com as fontes e marcação das gravações. De acordo com o caso, as pessoas envolvidas e os membros do grupo disponíveis, dividimos as funções de cada um. Ora repórter, ora produtor. Os equipamentos necessários foram emprestados pela Instituição nas datas e horários



previamente marcados. Algumas gravações extras, necessárias após as gravações e decupagem do material, ficaram por conta do grupo.

Considerando-se o formato escolhido por todos - uma série de reportagens - a função de apresentador (es) e a montagem de cenário foram desconsideradas. A edição ficou a cargo de um membro do grupo, que já possui experiência nesta função. Mesmo assim, o restante da equipe também participou durante da seleção e edição do material. Carvalho (2010) lembra que, em telejornalismo:

mais que em qualquer outro veículo, a equipe deve trabalhar de forma afinada: Cada uma das etapas impacta na outra, de maneira negativa ou positiva. Portanto, conhecer o funcionamento do processo significa ter mais facilidade de otimizar recursos e propor linguagens e abordagens diferenciadas (CARVALHO, 2010, p. 20).

Assim, a equipe desde a elaboração do projeto já se dividiu, de tal forma que todos fariam um pouco de tudo e que teriam conhecimentos sobre todas as esferas do produto final: aporte teórico (pesquisa bibliográfica); produção (agendamento de entrevistas, disponibilização de aparatos tecnológicos, pauta e roteiro de gravação); execução (gravação das entrevistas e imagens de apoio) e edição da série de reportagens (decupagem, recorte de cenas e finalização do material).

Estruturalmente, a série é constituída de três reportagens de cinco minutos cada, totalizando um conteúdo de 15 minutos de duração. As peças são unidas através de uma “capa”, pensada por todos, especialmente para a edição. Também foram formuladas as “cabeças” das matérias, visando uma possível veiculação futura em plataformas midiáticas que permitam a disponibilidade e visualização de vídeos e também como uma forma de contextualização/encaixe do trabalho feito.

Como já destacamos anteriormente, as reportagens são divididas em quatro *cases*. O tempo destinado a cada um deles foi decidido após as gravações, afinal o grupo não sabia o que cada história iria render de material, imagens e tempo. O processo de produção também incluiu: estruturar um planejamento de gravação – com datas, horários e endereços; confirmar as entrevistas com as quatro fontes; e - após a decupagem do material bruto e a elaboração dos textos - gravar as passagens, em diferentes pontos da cidade.

No caso das entrevistas com os pais que perderam seus filhos da tragédia, podemos afirmar a importância do exercício e da experiência em casos complexos como



este, no sentido de promover e estimular as nossas habilidades como repórteres. Inclusive, acreditamos que este foi um dos principais desafios e aprendizados para todos os participantes do grupo durante a faculdade, assim como foi também para o cinegrafista, que nos acompanhou durante as gravações.

Outro fator relevante é não perder o foco do que se pretende com a entrevista e sempre buscar que o entrevistado não fuja dele. “O lembrar, numa entrevista, é um processo recíproco, que exige compreensão de parte a parte”, afirma Thompson (1992). Porém, leva-se em conta que o entrevistador e suas habilidades muitas vezes estão em desvantagem, pois o novo para o pesquisador pode ser algo tradicional para o entrevistado. Para Thompson, “os historiadores, em trabalho de campo, ainda que mantenham, sob muitos aspectos importantes, as vantagens do conhecimento profissional, vêm-se também longe de sua mesa de trabalho, compartilhando de experiências em nível humano” (1992, p. 29). As experiências obtidas através das entrevistas resultam em uma adaptação na questão humanizada da técnica, proporcionando assim uma maior proximidade e interação entre entrevistado e entrevistador.

Apesar da nossa necessidade de profissionalismo, durante as entrevistas com os personagens, a experiência nos mostrou outras formas de envolvimento e engrandecimento profissional e humano. A relação meramente jornalística se transformou em uma relação humanizada com aqueles pais. E este, talvez, tenha sido o maior legado deste projeto: a humanização da nossa prática jornalística. Não somos mais meros mediadores de informações entre as pessoas, somos seres humanos que também têm sentimentos e emoções e que podem aliar isso à sua produção profissional, bem como à sua vida particular.

O processo de edição do projeto nos permitiu moldar o produto final, baseado nas escolhas feitas e no planejamento e idealização de tudo o que pensamos durante a execução do mesmo. Após as entrevistas e gravações dos *cases*, reunimos todo o material apurado, decupamos as entrevistas, para então, elencarmos os trechos mais importantes e que condiziam com o eixo temático do projeto. Com esses trechos selecionados, pudemos formular o texto das três reportagens da série e organizar o roteiro de edição.

As gravações de cada um dos *cases* foram realizadas em três dias e duraram entre 40 e 60 minutos cada. Nos dois primeiros dias, o integrante Bruno, junto do cinegrafista Marcio (Centro Universitário Franciscano), gravou cenas de detalhes dos





nossos entrevistados, como o movimento das mãos, o olhar, as feições do rosto como um todo. Esses planos de detalhe já foram pensados durante a produção e foram utilizados durante a edição, pois além das passagens e dos *off's*, queremos mostrar como cada um dos entrevistados se sente e participa dessas iniciativas. Afinal, sabemos que a gestualidade corporal das pessoas conota sentimentos e deflagra sentidos no material como um todo. O discurso está explícito no texto e, ao mesmo tempo, nos movimentos do corpo e expressões faciais. Assim que o membro do grupo responsável pela edição terminava um trecho das edições, ele postava no grupo fechado que tínhamos no *Facebook*, com qualidade baixa, para toda a equipe ter acesso, visualizar e cada um dar a sua opinião.

Por fim, acreditamos que a edição foi um dos processos cruciais para o resultado final deste produto midiático. Não exigiu tanto preparo e disponibilidade dos integrantes do grupo quanto durante as gravações, mas contribuiu muito para a lapidação e enriquecimento desta série de reportagens sobre as iniciativas voluntárias dos familiares das vítimas da tragédia da Boate Kiss, em Santa Maria, como tentativas de superação da dor da perda de entes queridos.

## 6 CONSIDERAÇÕES

Até darmos o primeiro passo para a realização deste projeto experimental ficamos receosos. Nossos principais questionamentos eram: como vamos iniciar a conversa com estas pessoas? De que forma podemos tratar este assunto sem sermos invasivos ou indelicados? Vamos conseguir atingir nosso objetivo? Conforme nos reuníamos e escrevíamos o projeto teórico, buscávamos respostas para todas essas perguntas e, atrelados a muito estudo e engajamento, fomos em frente.

As abordagens, com cada um dos quatro *cases*, foram diferentes. Com alguns precisamos ser mais delicados e cuidadosos com termos e atitudes, com outros fomos mais diretos e deixamos a entrevista correr da melhor forma possível. Nosso maior aprendizado foi a experiência de ter a vida transformada por essas histórias de recomeço na dor e na profunda perda. Sem dúvida, enxergar como a vida dessas pessoas mudou e que, mesmo com toda a dor, elas conseguiram seguir em frente.

Com relação ao jornalismo, nosso crescimento profissional foi gratificante. Aprender a lidar com esse tipo de situação, como abordar pessoas que passaram por um



estresse e tristeza tão recentes e, com uma temática difícil para qualquer outro jornalista, por mais capacitado e experiente que este seja.

Durante a prática de fato, ao longo das entrevistas, das conversas em *off* com estas pessoas, entendemos que não estávamos trazendo casos de superação, propriamente dita, mas sim de formas de tentar minimizar a dor da perda. Assim, decorrente disso, alteramos o título do nosso trabalho para “tentativas de superação”, pois compreendemos que a palavra, “superação”, sozinha, não se enquadrava nestes casos.

É possível também destacar o crescimento pessoal de cada um dos integrantes desse grupo, a partir da realização deste trabalho. Todos, de alguma forma, foram tocados com o conteúdo e a intensidade dos depoimentos, com as histórias de vida e, principalmente, com a emoção de cada um deles. Assim, conseguimos aprender a lidar com a dor do outro sem ter como norte o sensacionalismo. Conseguimos, acima de tudo, colocar-se no lugar do outro e entender suas dificuldades e limitações.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs) - **Uso & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Vargas, 1998.

CARVALHO, Alexandre et al. **Reportagem na TV: Como fazer, como produzir, como editar**. São Paulo: Contexto, 2010.

THOMPSON, Paul, – **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.